
**“Não podemos abrir as portas para todo mundo”:
Discurso Político e Racismo¹**

Elisângela GOMES²
João Lúcio Mariano CRUZ³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Este artigo analisa o discurso político do deputado Jair Bolsonaro em palestra proferida na Hebraica/RJ, em 03 de abril de 2017, a partir das categorias de análise propostas por Van Dijk (2008). Utiliza metodologia qualitativa de análise crítica do discurso. O referencial teórico propõe a interseccionalidade entre comunicação e cidadania a partir da construção simbólica das identidades culturais apontadas por Stuart Hall (2014). Defendemos que os atos de comunicação racista proferidos pelo deputado Jair Bolsonaro reproduzem e legitimam a construção negativa das identidades de minorias étnicas e raciais em detrimento da auto-representação positiva.

Palavras-chave: Racismo; Discurso; Cidadania; Comunicação; Interseccionalidade.

Este artigo propõe analisar a estrutura e a interface cognitiva do discurso político, enquanto ação de comunicação, e sua repercussão na cidadania de grupos subalternizados a partir de um recorte étnico-racial. Para tanto, nos orientamos por teóricos e teóricas com perspectiva de uma comunicação emancipatória e dialógica.

Escolhemos uma construção que estabeleça o diálogo necessário para se pensar o discurso político preconceituoso enquanto ação de comunicação que impacta a cidadania de grupos minoritários - especialmente em sociedades periféricas como a brasileira, onde a concepção de cidadania foi historicamente prejudicada, segundo Carvalho (2016, p. 15):

Tornou-se costume desdobrar a cidadania em direitos civis, políticos e sociais. O cidadão pleno seria aquele que fosse titular dos três direitos. Cidadãos incompletos seriam os que

¹ DT7 – Comunicação, espaço e cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2017.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, GO. E-mail: zanza18@gmail.com.

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, GO. E-mail: joaolmcruz@gmail.com.

possuíssem apenas alguns dos direitos. Os que não se beneficiassem de nenhum dos direitos seriam não-cidadãos.

Dessa forma, compreendemos que a construção discursiva impacta diretamente no exercício da cidadania, ela pode auxiliar na emancipação de grupos subalternizados, mas também pode perpetuar intolerância e racismo quando usada por grupos dominantes que visam a manutenção dos lugares de poder.

Utilizamos o discurso enquanto ação de comunicação amparados na dialogicidade proposta por Paulo Freire (1983) ao analisar o problema da comunicação entre o técnico (extensionista rural) e o camponês: “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.” (FREIRE, 1983, p. 28).

Assim, partimos da dialogicidade entre diferentes campos do conhecimento, pois entendemos que o tratamento deste objeto requer olhar para as confluências entre cultura, cidadania e comunicação. Nesse sentido, inicialmente, dada a complexidade das relações discursivas, estabeleceremos um diálogo com teorias da comunicação, antropologia, sociologia e linguística com intuito de compreender a construção do discurso político à luz das categorias de Van Dijk (2008) e sua relação com a construção da cidadania dos grupos minoritários.

Construção simbólica da cultura

Ainda que as relações entre natureza e cultura tenham sido pensadas e debatidas por várias escolas do pensamento social, e alguns de seus pressupostos de condição biológica superados, podemos observar uma retomada do debate entre natureza/cultura, sexo/gênero, raça/racialização nos discursos políticos contemporâneos pertencentes a ideologias conservadoras que reproduzem enfrentamentos aos grupos minoritários de mulheres, homossexuais e pessoas negras e indígenas.

Van Dijk (2008) afirma que o processo da construção discursiva galgado em preconceitos são predominantemente adquiridos e partilhados dentro dos grupos brancos dominantes através da escrita e da fala institucional e cotidiana, transmitindo e legitimando discursos que ocultam e negam atitudes étnicas negativas.

Partimos da premissa de que a valorização dos discursos preconceituosos no ambiente político se baliza em estratégias discursivas que apresentam a realidade social exclusivamente por meio de valores morais hegemônicos - muitas vezes amparados em argumentos biológicos e culturais refutados tanto pelas ciências biológicas quanto pelas ciências humanas. Esses valores estão explicitados, por exemplo, na fala político-pública de Levy Fidélis, ao declarar em debate eleitoral nacional, após ser perguntado sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, que: "*Aparelho excretor não reproduz.*"⁴ Assim, esta fala ajuda a compreender os mecanismos discursivos que retomam um argumento biologicista para legitimar apenas os relacionamentos afetivo-sexuais com fins de reprodução.

Dessa forma é necessário compreender a estrutura do debate entre natureza/cultura ao longo das pesquisas realizadas pelas escolas do pensamento antropológico. Começamos com Lévi-Strauss (1982), que traça o caminho percorrido pelos autores que discutiram a questão biológica/social até chegarem à refutação do determinismo biológico presente no pensamento científico do Século XIX.

A distinção entre fatores biológicos e fatores culturais foi pauta de discussão em várias escolas da Antropologia. Entre elas, o estruturalismo francês, berço da visão lévi-straussiana, que busca pelos universais da natureza humana encontradas em qualquer cultura. Lévi-Strauss dispara a abordagem ao levantar a questão do homem ser um ser biológico ao mesmo tempo que um indivíduo social.

Assim, segundo o autor, estímulos físico-biológicos e estímulos sociais podem despertar reações de mesmo tipo. Nesse sentido, não haveria como pensar a natureza sem a cultura – haveria uma integração. Na criação de regras sociais para as relações de parentesco opera-se a cultura. A origem da proibição estaria nos interesses da ordem social.

Esta integração da cultura com a natureza se relaciona com a análise de Sherry Ortner (1979) ao buscar explicações para a hipótese de “universalidade da subordinação

⁴ Debate presidencial do candidato à presidência da República Levy Fidélis em 28 de setembro de 2014. Disponível em: <<http://tv.r7.com/record-play/rede-record/videos/aparelho-excretor-nao-reproduz-responde-levy-fidelis-e-m-debate-24112016>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

feminina”, e, ao mesmo tempo, apresentar as diferentes simbolizações e classificações das mulheres em diferentes culturas. Ortner lança uma perspectiva que aponta para mudança cultural ao pensar fato universal/variação cultural. Indica que a superação da associação das mulheres com aspectos da natureza e do homem com aspectos da cultura exige que a base social da sociedade mude para a manutenção e o reforço da visão cultural modificada.

Nessa perspectiva, Gayle Rubin (1986) aponta que a origem da opressão e subordinação das mulheres em uma economia política do sexo deve ser pensada para além da divisão sexual do trabalho; e que o “sistema sexo/gênero” transforma a sexualidade humana em produtos de atividade humana. Este trabalho foi o mote para acarretar desdobramentos na pesquisa de gênero/sexo.

Inquietada pelos trabalhos de Rubin, Judith Butler (2003) a entrevista sobre a construção de suas obras analisadas, em especial, *The Traffic in Women – Notes of the ‘Political Economy’ of Sex*” (1975)⁵, resultado de um processo iniciado na década de 1960 que pensou os limites do marxismo em relação ao ponto de vista feminista. Como desdobramento desta entrevista, Adriana Piscitelli (2003) analisa a importância da obra de Gayle Rubin para a distinção entre sexo e gênero. Piscitelli comenta que o “sistema sexo/gênero” analisado por Gayle Rubin revela ainda o pressuposto de naturalidade da heterossexualidade em abordagens antropológicas e psicanalíticas.

Nesse sentido, o debate gerado a partir destas discussões teóricas estabeleceu distinções entre sexo e gênero, e, por consequência, entre natureza e cultura; refutou o biologicismo como característica determinante dos lugares sociais para homens e mulheres. Na medida em que o discurso biologicista também legitimou durante séculos a escravização de pessoas em função de um processo de racialização de populações negras, cabe aqui, entender como ele ainda opera em discursos racistas.

Discurso, Racismo e Identidades

A construção discursiva a partir do uso da escrita e da fala estão condicionados nas relações de poder construídas na realidade social e desempenham um papel vital na

⁵ Uma tradução livre para o título seria: “O Tráfico de Mulheres – Notas sobre a ‘Economia Política’ do Sexo.

reprodução do racismo. “Ainda que o racismo seja frequentemente reduzido à ideologia racista, ele é aqui entendido como um complexo sistema social de dominação, fundamentado étnica ou racialmente, e sua conseqüente desigualdade”. (VAN DIJK, 2008, p. 134).

Dentre as formas de exercício do poder, está o poder simbólico exercido pela religião, educação, meios de comunicação e política. Para Thompson (1998, p. 34, tradução nossa), “poder simbólico se refere à capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas”. Entretanto, a tomada da fala está restrita a grupos que detêm poder social, representados como “elites simbólicas”, mídia, política e educação tem um papel fundamental na construção de sentidos e ideologias expressas e compartilhadas socialmente.

As elites simbólicas são aquelas que detêm os recursos simbólicos que definem o “capital” simbólico, e em particular, seu acesso preferencial ao discurso público. Como líderes ideológicos da sociedade, estabelecem valores, objetivos e interesses comuns, formulam o senso comum, assim como o consenso, tanto como indivíduos quanto como líderes das instituições dominantes da sociedade. (VAN DIJK, 2008, p. 134).

Como líderes ideológicos, as elites simbólicas, enquanto detentoras do discurso, exercem influência na sociedade, “estabelecem valores, objetivos e interesses comuns, formulam o senso comum, assim como consenso, tanto como indivíduos quanto como líderes das instituições dominantes”. (VAN DIJK, 2008, p. 139). Elas potencializam discursos que não contemplam as minorias raciais e étnicas e reproduzem um sistema de racismo que mantém o grupo dominante branco no poder (VAN DIJK, 2008).

Nesse sentido, a Comunicação tem papel fundamental na busca pela cidadania de grupos subalternizados, pois é uma ferramenta de poder, que determina a presença ou ausência de voz ou silenciamento às identidades minoritárias, conforme afirma Dias (2014, p.242):

Na mesma proporção em que os meios contribuem para a

construção de seres hegemônicos, podem ser apreendidos como viabilizadores de construção da diferença enquanto elemento constitutivo de identidades afirmadas. O que equivale a dizer que os meios de comunicação social, se bem conduzidos, também podem contribuir para o alcance de uma vida mais digna.

Na esfera do poder, observa-se que o processo diaspórico conferiu a interação entre povos de diferentes culturas, costumes, idiomas, vivências e referências, e que, no entanto, nesse processo de interação cria-se relações conflituosas de poder de uma cultura sobre a outra, não havendo relação de igualdade nessas trocas, e sim dependência e subordinação sustentadas no colonialismo (HALL, 2009).

Sendo essas, relações de trocas desiguais, as minorias étnicas criam estratégias de re (construção) da identidade cultural, pois não há a possibilidade de retorno à terra de origem, a identidade cultural de fato foi furtada devido à acontecimentos históricos e foi atravessada por uma cultura dominante que atuou com imposições e hierarquização cultural. A construção da identidade é tanto simbólica quanto social, a luta pela afirmação de diferentes identidades gera conflitos entre os grupos, dominados e dominantes. (WOODWARD, 2012, p.10).

Essas identidades estão imersas no contexto de globalização decorrente da evolução do sistema capitalista, sendo assim, o que se pretende resgatar e manter já não possui o “status” de pura, pois além de não estarem mais sendo reproduzidas em seus lugares originários, passam por interações e apropriações constantes.

Jair Bolsonaro

Natural do município de Campinas (SP), nascido em 1955, Jair Messias Bolsonaro foi eleito pela primeira vez Vereador do Rio de Janeiro em 1988, quando era filiado pelo extinto PDC (Partido Democrata Cristão). Dois anos depois foi eleito Deputado Federal do Rio de Janeiro em 1990 e reeleito em 1994 pelo PPR, em 1998 e em 2002 pelo PPB, e em 2006, 2010 e 2014 pelo PP⁶. Na eleição de 2014 foi eleito com

⁶ Dados das Eleições de 2014. Disponível em: <<https://www.eleicoes2014.com.br/jair-bolsonaro/>>. Acesso em 10 de Abr. 2017.

mais de 464 mil votos, sendo o Deputado Federal mais votado no Estado do Rio de Janeiro⁷.

Nas eleições de 2006, 2010 e 2014 foi eleito pelo Partido Progressista - partido que, em junho de 2014, contava com 1,4 milhão de filiados, 466 prefeitos, 4.927 vereadores, 40 deputados federais e 5 senadores. Reformulado em 2003, o Partido Progressista⁸ tem raízes na Arena, agremiação que deu sustentação à ditadura militar no Brasil. Na década de 1990, após a fusão do PDS com o Partido Democrata Cristão, nasceu o Partido Progressista Reformador (PPR), que mais tarde seria transformado em Partido Progressista Brasileiro (PPB), até virar o PP⁹. No entanto, em 2016, Jair Bolsonaro deixa o PP para se filiar ao Partido Social Cristão (PSC)¹⁰.

Atualmente, Jair Bolsonaro figura como segundo colocado nas primeiras pesquisas eleitorais para a campanha presidencial de 2018¹¹, envolvido em vários escândalos, dentre eles casos de misoginia, homofobia e racismo. A trajetória deste Deputado Federal, no entanto, pode revelar surpresas para seus atuais seguidores e também para seus opositores - justamente por contradizer parte de seu discurso atual: há 30 anos atrás, quando Jair Bolsonaro era capitão do Exército, e cursava Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO), acabou por ser preso após assinar um artigo na revista *Veja* em protesto contra baixos soldos dos militares.

Na ocasião, a jornalista da *Veja* que cobria a matéria quebrou o sigilo de sua fonte - para não acobertar atos terroristas - e revelou o plano “Beco sem Saída”, que envolvia Bolsonaro e outros militares, cujo objetivo era explodir bombas de baixa potência em banheiros da Vila Militar, da Academia Militar de Agulhas Negras, em

⁷ Dados das eleições de 2014. Disponível em: <<https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/05/bolsonaro-rj-e-eleito-deputado-federal-no-rj-com-o-maior-numero-de-votos.htm>>. Acesso em 15 Abr. 2017.

⁸ História do Partido Progressista. Disponível em: <http://www.pp.org.br/2056/Documentos/NossaHistoria_261182/>. Acesso em: Acesso em 10 abr. 2017.

⁹ Notícia sobre o PP. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/politica/pp-o-partido-que-virou-para-raios-de-escandalos/>>. Acesso em 10 Abr. 2017.

¹⁰ Informações Câmara dos Deputados do Brasil. Disponível em: <http://www.camara.leg.br/internet/deputado/dep_Detalhe.asp?id=5830721>. Acesso em 11 Abr. 2017.

¹¹ Pesquisa CNT/MDA. Disponível em: <<http://www.cnt.org.br/Imprensa/noticia/clesio-andrade-presidente-cnt-divulga-resultados-da-133-pesquisa-cnt-md>>. Acesso em 15 Abr. 2017.

Resende (RJ), e em alguns quartéis como forma de demonstrar descontentamento com o índice de reajuste salarial.

Temos um ministro incompetente e até racista’, disse Bolsonaro a certa altura. ‘Ele disse em Manaus que os militares são a classe de vagabundos mais bem remunerada que existe no país. Só concordamos em que ele está realmente criando vagabundos, pois hoje em dia o soldado fica o ano inteiro pintando de branco o meio-fio dos quartéis, esperando a visita dos generais, fazendo faxina ou dando plantão’. Perguntei, então, se eles pretendiam realizar alguma operação maior nos quartéis. ‘Só a explosão de algumas espoletas’, brincou Bolsonaro. Depois, sérios, confirmaram a operação que Lígia chamara de Beco sem Saída. ‘Falamos, falamos, e eles não resolvem nada’, disseram. ‘Agora o pessoal está pensando em explorar alguns pontos sensíveis.’ Sem o menor constrangimento, o capitão Bolsonaro deu uma detalhada explicação sobre como construir uma bomba-relógio. O explosivo seria o trinitrotolueno, o TNT, a popular dinamite. O plano dos oficiais foi feito para que não houvesse vítimas. A intenção era demonstrar a insatisfação com os salários e criar problemas para o ministro Leônidas. (...) Nervoso, Bolsonaro advertiu-me mais uma vez para não publicar nada sobre nossas conversas. ‘Você sabe em que terreno está entrando, não sabe?’, perguntou. E eu respondi: ‘Você não pode esquecer que sou uma profissional’.¹²

Este episódio, assim como a trajetória profissional e política do Deputado Jair Bolsonaro, fornece condições para pensarmos quais os elementos que operam seu discurso político e como repercutem na cidadania de grupos subalternizados, como homossexuais, mulheres e pessoas negras e indígenas - estas últimas o nosso recorte de análise.

Análise do discurso político

¹² Matéria sobre Jair Bolsonaro. Disponível em:
<<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/capitao-bolsonaro-a-historia-esquecida/>>.
Acesso em 11 abr. 2017.

O discurso político está na esfera pública e é proferido por candidatos partidários que, na sua grande maioria, refletem o posicionamento do partido ao qual estão subordinados. “Dependendo dos partidos políticos e dos contextos, tais discursos podem ser estereotipados, preconceituosos ou até racistas”. (VAN DIJK, 2008, p. 150).

Sendo assim, a análise do discurso político será realizada a partir do uso da Análise Crítica do Discurso proposta por Van Dijk (2008, p.111) que conceitua:

A Análise Crítica do Discurso é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social.

Os representantes políticos, em sua maioria, compartilham de crenças sociais e políticas conservadoras próprias da construção ideológica das vertentes partidárias menos comprometidas com as transformações sociais e a ampliação da cidadania, elementos imprescindíveis para a promoção e emancipação de pessoas subalternizadas.

Análise Crítica do Discurso de Jair Bolsonaro

Este artigo propõe investigar o discurso político do deputado Jair Bolsonaro em palestra¹³, proferida na Hebraica/RJ, em 03 de abril de 2017. Os fragmentos de análise a serem utilizados estão relacionados às temáticas raciais envolvendo discursos argumentativos e retóricos proferidos aos quilombolas, indígenas, afro-descendentes e imigrantes.

Mitigação e Atos de fala

¹³ Palestra de Jair Bolsonaro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wgIuIsMrVxE>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

“Sou contra cotas, ok, é competência”

“Eles consideram quem ganha bolsa família como empregados, só aí nós temos praticamente ¼ da população brasileira vivendo às custas de quem trabalha. Parem de querer viver, essa minoria, nas tetas de quem trabalha.”

Destacamos o uso de dispositivos retóricos a partir do processo de “Mitigação”, ação de amenizar, minimizar e empregar eufemismo depreciando o outro e legitimando o seu discurso racista. Também estão presentes “Atos de fala” na construção discursiva de Jair Bolsonaro na tentativa de desqualificar e deslegitimar importantes políticas de acesso às minorias no processo educacional e social ao criticar o programa de cotas raciais e sociais para o ingresso no ensino superior e o auxílio do bolsa famílias, ambos programas implementados no governo de oposição.

“Onde tem uma reserva indígena, tem uma riqueza embaixo dela, temos que mudar isso daí, mas nós não temos hoje em dia mais autonomia para mudar isso daí, entregou-se tanto a nossa nação que chegamos a esse ponto”

No fragmento acima, a exaltação de “nossa nação” através da retórica nacionalista localiza os territórios com riqueza mineral como algo pertencente à elite dominante e não aos povos indígenas originários.

A partir dos extratos de fala das temáticas relacionadas às questões raciais e étnicas presentes no discurso de Jair Bolsonaro, observamos enunciados que refletem nas suas crenças ideológicas individuais que constroem sua visão de mundo. O ato de desqualificar os exogrupos, ou grupos minoritários, para, caracteriza-se como estratégia de outro-apresentação negativa, que se dá através da depreciação e conseqüentemente a auto-apresentação positiva no favoritismo dos endogrupos. (VAN DIJK, 2008).

Negação como estratégia de defesa

“Fui visitar o alojamento dos pesquisadores, a maioria, 30 nomes, estrangeiros, pesquisando o (...) na Mackenzie e o que ele pediu pra mim? Uma bolsa de estudos. Engenheiros brasileiros vivem aqui pesquisando para que essa tecnologia seja desenvolvida 100% por nós, e não tenhamos que abrir tanto assim para estrangeiros, mas o governo federal não está preocupado com isso.”

“O que o governo brasileiro faz? Não faz nada, se aceita, vamos criar campos de refugiados, se não aceita, devolve. Não pode a decisão de um governo acolher todo mundo de forma indiscriminada”.

“Nós não podemos abrir as portas do Brasil para todo mundo”

As três ocorrências de discursos acima estão relacionadas à imigração, a fim de legitimar as restrições do processo imigratório, Jair Bolsonaro utiliza como fator negativo o impacto na educação no que se refere ao campo das pesquisas científico-tecnológicas, sobre o pretexto de que imigrantes estariam solicitando recursos através de bolsas que deveriam na verdade ser destinadas aos pesquisadores brasileiros. Dessa forma, a “Estratégia de Defesa e escusa” pressupõem acusações explícitas e culpabilização de imigrantes como justificativa para a recusa e o caráter preconceituoso do ato de recusar sua entrada. “Desemprego, fracasso escolar, condições miseráveis de habitação e a dependência dos programas sociais, estão entre os fatores costumeiramente atribuídos a características negativas das próprias vítimas”. (VAN DIJK, 2008, p. 150).

Resultados e Conclusão

Jair Bolsonaro, enquanto uma figura pública, tem seus discursos presentes nos veículos de comunicação, a repercussão de suas falas homofóbicas, machistas e racistas, levantam questionamentos na perspectiva da defesa dos direitos constitucionais e direitos humanos. Podemos observar que embora seus posicionamentos não tenham aceitação por grupos minoritários, ele os mantém, pois encontra ressonância em outros interlocutores “seu discurso público potencialmente alcança uma grande audiência, é o discurso social da negação que persuasivamente contribui para a construção do consenso branco dominante.” (VAN DIJK, 2008, p. 150).

Compreender a construção do discursiva na esfera político-pública aponta que a perpetuação do racismo vem das camadas dominantes e perpassa a partir da construção negativa das minorias, impedindo portanto que estas exerçam a cidadania.

O acesso ao discurso público é determinante para a inserção dos sujeitos na sociedade buscando o fortalecimento da identidade cultural, insurgindo discursos

construídos a partir de um contexto divergente das elites transgredindo lugares de enunciação impostos pela hegemonia branca moralista.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith; RUBIN, Gayle. Tráfico sexual. In: **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 21, p. 211-218, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DIAS, Luciene de Oliveira. Desatando nós e construindo laços: dialogicidade, comunicação e educação. In: SOUZA, R. M. V.; MELO, J. M.; MORAIS, O.J. (Orgs.). **Teorias da comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino**. São Paulo: Intercom, 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: reflexões Sobre a Terra no Exterior. In: SOVIK, Liv (org). **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Tradutora Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982. P. 41-69.

ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 [1974], p. 95-120.

PISCITELLI, Adriana, Comentário. In: **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 21, p. 211-218, 2003.

RUBIN, Gayle. El Tráfico de Mujeres: notas sobre la economía política del sexo. In: **Revista Nueva Antropología**. México, v. 8, n. 30, p. 95-145, 1986.

THOMPSON, John B. **Los media y la modernidad: una teoría de los medios de**

comunicación. México: Paidós, 1998.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Racismo**. In: Discurso e Poder. São Paulo: Contexto 2018, p. 333-153.

WOODWARD, Kathyyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2012.